

editorial

Costurando pensamentos sobre a moda

Stitching thoughts about fashion

LILIAN SANTIAGO¹, TARCISIO D'ALMEIDA²

”Não quero panteons não quero mármore
Não sonho a Eternidade fria, escura...
Minha glória ideal é o quente abrigo
De uma pequena cesta de costura.”
Castro Alves, *A cestinha de costura*.

O mito de Ariadne confirma para nós que uma palavra pode ser, às vezes, o fio que conduz, não precisamente à saída, mas ao centro do labirinto que dará acesso à criação de uma grande trama. A palavra moda, pois, nos guiará pelas tecelagens das mais variadas tessituras. Se a tradução do pensamento de Walter Benjamin em fórmulas mágicas apresenta uma passagem para entender a relação secreta que existe entre a costura como narração, como leitura e como lembrança, portanto, como afirma José Manuel Cuesta Abad,³ ler algo segundo o outro também pode nos indicar que o lido constitui uma versão do ponto de vista singular de um indivíduo e, por essa razão, está marcada pela gravidade da palavra que leva consigo toda narração.

Foi na caixa de costura, fragmento da *Infância em Berlim*, que Walter Benjamin, à medida que o papel abria caminho à agulha com um leve estalo, o autor cedia à tentação de se apaixonar pelo reticulado do avesso que ia ficando mais confuso a cada ponto dado, com o qual, no direito, ele se aproximava da meta.

¹ Professora Adjunta do Curso de Filosofia da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-UNIFESP); Doutora em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É coeditora especial, juntamente com Tarcísio D'Almeida, do Dossiê “Moda e Pensamento: Interfaces”, da *Limiar: Revista de Filosofia EFLCH-UNIFESP*. E-mail: lsantiago@unifesp.br

² Professor Adjunto do Curso de Design de Moda da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-UFMG), onde lidera o Grupo de Pesquisa ‘Moda: Teorias e Processos Criativos’, cadastrado no CNPq. Doutor em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com a tese *As roupas e o tempo: uma filosofia da moda*, defendida em 2018. Mestre em Ciências da Comunicação, habilitação em Jornalismo, pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, com a dissertação *Das passarelas às páginas: um olhar sobre o jornalismo de moda*, com defesa realizada em 2006. É autor dos livros *Moda em diálogos: entrevistas com pensadores* (Memória Visual, 2012) e *Pensatas da Moda* (no prelo), além de inúmeros artigos para a imprensa. E-mail: tarcisiodalmeida@eba.ufmg.br

³ CUESTA ABAD, J.M. *Juegos de duelo. La historia segun Walter Benjamin*. Madri: Abadía Editores, 2004.

Origem é a meta, é o exórdio da XIV *Tese do conceito de filosofia da história* de Walter Benjamin, e estes ensaios reunidos aqui permitem nos aproximarmos a um possível começo, a um furo em ambos os lados da etiqueta, ao avesso das costuras, isto é, às interfaces entre pensamento e moda. Trata-se, portanto, de um elegante desfile de uma grande coleção de temas coadunados sob o que nomeamos como a sabedoria da agulha. Os saberes da agulha consistem em conduzir e introduzir o material narrativo a cada pontada executada pela mão da/o costureira/o.

A proposta de costurar pensamento e moda acabou mobilizando variadas reflexões alinhavadas a diferentes áreas e campos do saber, ampliando as pesquisas que a moda entrança. Tirando do fio, as origens dos pensamentos acerca da moda podem ser encontradas na filosofia e na literatura, conforme a bibliografia consolidada. Muito provavelmente por ser a sensibilidade, o remate que liga os conceitos e, o que se expressa, a partir deles, na moda. Pensamos, então, em essência e expressão e, o que dessa relação se potencializa por meio da moda, assim como nos escritos filosóficos e literários que têm a moda como cerne. Desse modo, os nomes dos escritores Charles Baudelaire, Oscar Wilde, Stéphane Mallarmé, dos filósofos Georg Simmel, Walter Benjamin e do crítico literário Roland Barthes, dentre outros, são recorrentemente apontados como referências basilares de uma primeira biblioteca sobre a moda. A esta lista de pensadores e literatos, podemos acrescentar ainda todos nossos autores convidados: Leda Tenório da Motta, Lucia Santaella, Nickolas Pappas, Bernardete Oliveira Amarantes, Tarcisio D’Almeida, Taís da Silva Brasil, Astrid Sampaio Façanha, Lorena Pompei Abdala, Luís André do Prado, Laura Ferraza de Lima, Tatiana Bo Kun Im, Larissa Molina Alves, Renata Pitombo Cidreira, Paulo Roberto Monteiro de Araújo, Claudia Teixeira Marinho, Ângela Cristina Salgueiro Marques, Luís Mauro Sá Martino, Marcela Lins Barbosa, Caio Santos, Márcia Carvalho, Charles Roberto Silva, Otilia Beatriz Fiori Arantes, Olgária Chain Féres Matos, Juliana Barbosa, Iesa Rodrigues e Andrea Saltzman.

Todos os autores convidados pensaram a própria existência do complexo fenômeno da moda por entretons variados, tais como a literatura, a semiótica, a filosofia, a arte, a música, o cinema, a história, a sociologia, o jornalismo, a economia e a tecnologia, traduzindo expressões comportamentais dos indivíduos nas sociedades, ao longo dos séculos, em pensamento. E é nessa gama multifacetada – ou de interfaces – que residem as potências da moda em sua existência, mas também na sua realização como forma de produção de conhecimento.

Nos fala Walter Benjamin, no mesmo fragmento sobre a caixa de costura, que tantos anos foram necessários para que, ao ver uma pequena gravura empalidecida, confirmasse a sua suspeita de que toda aquela caixa de costura fora destinada a outro tipo de tarefa que não à costura. Esta preciosa percepção do filósofo alonga a costura para outras artes, a colocando no mundo como criação emparentada com a

mão do tintureiro, - como quem desenha ou pinta na tela, assim como o poeta Auden. Essa imagem do mundo delicadamente bordada pela aura que comporta a caixa de costura podemos transladá-la a todos os assuntos bordados e abordados neste número especial.

A violência sutil da pose do dândi baudelairiano como forma de impostura perante a padronização burguesa das roupas, ensaio de autoria de Leda Tenório da Motta, abre nosso número. Trata-se, sem dúvida, de um belíssimo texto que une ao alfaiate do Campillo com a costureira de Marfim, onde um coloca as mãos, e a autora, um deslumbrante trabalho de cetim. Quando pensamos em moda e sua realização no cenário a partir das idealizações estéticas da alta costura (considerada o “terreno dos sonhos” da moda) ou mesmo do prêt-à-porter (e sua modalização de criação, produção e consumo em larga escala), os pensamentos dos escritores e dos filósofos compartilham, de certa forma, a visão tão concisa do poeta italiano Giacomo Leopardi, que em seu *Diálogo sobre a moda e a morte* (1827) se refere à morte como irmã da moda, porque ambas são filhas do tempo e da transitoriedade, assunto abordado por Taís da Silva Brasil.

Procurando por “uma forma que pensa”, Márcia Carvalho realizará um paralelo entre o processo de produção do costureiro japonês Yohji Yamamoto e do cineasta Wim Wenders, na busca por entender a relação entre a moda e o cinema. Falam que em Roma que a dama costure e coma, contudo, dessa vez, a preocupação do texto de Paulo Roberto Monteiro de Araújo é analisar não propriamente a dama que costura, contudo, como o uso da alfaiataria se torna elemento rupturista no cinema de Michelangelo Antonioni com o Neorrealismo Italiano. Se para Chanel a moda é o que se passa de moda, ou como no trocadilho de Aby Warburg, saber que o passado agora é agora passado, a roupa também pode ser um marcador de mudanças nas temporalidades dos movimentos cinematográficos.

Tão recente como o dia 8 de maio do ano em curso⁴, Brasil perdeu uma grande cantora, compositora e ícone *fashion*: Rita Lee. O artigo de Lorena Pompei Abdala pode ser lido como uma homenagem póstuma à grande figura que foi em vida Rita Lee. Seu ensaio pesquisa justamente a relação entre moda e música e as práticas vestimentares que criam a *persona* musical. Dos retratos do “roque enrow”

⁴ E nos cabe comunicar que, ainda em decorrência dos descompassos impostos pela pandemia da Covid-19 nas rotinas, inclusive das universidades, esse Dossiê sobre Moda está sendo publicado com atraso.

passamos aos retratos pictóricos que, segundo sua autora, Laura Ferraza de Lima, tornam-se imagens por excelência para a observação das flutuações da moda do vestuário e de sua importância para aqueles que se fazem retratar constituindo o fundamento, não apenas da construção do indivíduo, mas também da eclosão da moda enquanto fenômeno histórico na passagem entre a Idade Média e o Renascimento. Fenômenos históricos vinculados à moda também são tratados por Charles Roberto Silva que aborda, desde uma perspectiva histórica, as representações do reinado de Luís XIV e sua consolidação como modelo de gestão das artes no Brasil Império no âmbito do teatro. Desde uma perspectiva sociológica, Luís André do Prado, por seu turno, acompanhará o desenvolvimento do campo profissional da moda no Brasil, explorando os aspectos formativos de uma moda brasileira atrelados não apenas a questões culturais, mas também econômicas mediadas pelas relações entre centro e periferia.

O remendo nem sempre acaba em descosturas. É justamente o que nos sugere o artigo de Nickolas Pappas quando se reporta ao título do Dossiê para se perguntar por que a interface entre moda e pensamento impede ver qualquer pensamento na moda? O autor faz de seu casaco, um vestido, da maneira mais chamativamente zombeteira, indo até o *Fashion District* da pólis, procurando respostas para sua pergunta na tradição filosófica. É também na tradição filosófica que o texto de Bernardete Oliveira Marantes encontra o movimento dos corpos e os corpos em movimento, manifestando que esse cinetismo se realiza em concomitância com o próprio percurso da moda no mundo. E o *ser-aí* no mundo é o *manteau* de Heidegger no ensaio de Astrid Sampaio Façanha, para questionar o *dasein* da moda na sua revelação como aparência e aparição, ocultamento e desocultamento. Tarcisio D’Almeida, por sua vez, urdindo e tramando a tela, nos apresenta uma história da Moda que resgata a tradição dos pensadores pré-ilustrados e ilustrados para chegarmos a uma compreensão mais ampla em torno de uma teoria da moda a partir das reflexões suscitadas em textos de filósofos de variadas épocas. Lucia Santaella também apelará à tradição, definindo o conceito de *aisthesis*, unindo, dessa forma, a potência do pensamento semiótico e filosófico de Charles Sanders Peirce para teorizar sobre as estéticas da moda, identificando suas transformações e alcances à luz das variações contemporâneas do ato criativo da moda, confirmando-nos “as infindas faces da moda”.

Larissa Molina Alves e Renata Pitombo Cidreira, por sua vez, discutem as relações do jornalismo de moda com a cultura e as variantes comportamentais a partir da análise de 60 capas da revista *Elle Brasil*. Nessa mesma pontada jornalística, o grupo de pesquisadores composto por Ângela Cristina Salgueiro Marques, Luís Mauro Sá Martino, Marcela Lins Barbosa e Caio Santos, apresenta, a partir das formulações de Judith Butler, uma leitura do movimento “USP de saia”, ou o “saiaço”, ocorrido no ano de 2013, analisando sua cobertura mediática para estabelecer como são construídas, no campo da representatividade, as imagens performáticas vinculadas a novas expressões comportamentais dos estudantes do curso de moda. Por fim, sapateira a seus sapatos, Iesa Rodrigues nos oferece um

expressivo depoimento sobre sua experiência como jornalista de moda, nos revelando sua literatura portátil, pretérita e presente; sua fruição pela moda como uma manifestação da arte e, como seu ofício, ser jornalista, lhe permite, acima de tudo, construir suas próprias “estórias” escolhendo seu objeto.

Lendo o depoimento de Iesa Rodrigues, ficamos à par dos fuxicos do conglomerado francês de marcas dirigido por Bernard Arnault que, na troca de diretores artísticos, optou por escolher ingleses egressos da Central Saint Martins, entre eles, Alexander McQueen e John Galiano. A autora não dissimula sua perplexidade (não sem um sorriso irônico) quando afirma: “ingleses, assinando a moda francesa!” É, justamente, um desses egressos da Central Saint Martins, Alexander McQueen que, muito embora tenha sido recepcionado friamente nos seus dias franceses, acabou conquistando, não só as “temidas editoras das grandes revistas”, mas também as salas dos grandes museus (fenômeno de massas). No ano de 1996, a primeira coleção assinada por Tom Ford para a casa Gucci, parecia ter como título: *Simply Halston*. Contudo, como esta expressão da vida das roupas passou, então, da passarela para o Museu? Trata-se do tema abordado por Tatiana Bo Kun Im no seu ensaio que explora as relações entre passarela e museu a partir da análise do vestido que faz parte da apresentação final do desfile Nº 13 de 1999 da coleção primavera/verão do estilista Alexander McQueen.

Para a poetisa argentina, Tamara Kamenszain⁵, costurar e bordar representam fases da escritura ao passo que os bordados e os textos estão alinhavados no processo de criação. Segundo a poetisa, os bordados e os textos preservam uma relação íntima em que a voz e o silêncio, transladados às palavras ditas ou escritas, se alinham para formar tramas individuais que organizam formas de coletividade feminina. Trata-se de toda uma vida de gestos oculta nos detalhes que manifestam a gravidade da tradição artesanal e ancestral da palavra. Daí que nos reportemos novamente à abertura deste editorial, quando falávamos sobre o mito de Ariadne e, essa palavra mágica que, às vezes, pode conduzir, não propriamente à saída do labirinto, porém à criação de uma grande trama. Uma palavra, portanto, pode ser o fio que entrelaça o artesanato aos processos da moda – aquela relacionada à produção da vida e aquela dimensionada pela própria produção dos artefatos – como no ensaio de Claudia Teixeira Marinho, mas também pode representar uma viagem, como a de Andrea Saltzman, aos movimentos circulares traçados pela agulha de tricotar para um grupo de mulheres tecelãs da região de Tilcara, na província de Jujuy, na Argentina, nos falando de um legado que elas têm recebido de seus ancestrais, isto é, “um abrigo que se expressa como um conector de sinais e de gestos que estão ligados de geração em geração, articulados ao território”.

Se Hegel resgata a simplicidade da indumentária grega para pensá-la numa escala artística da forma, projetada no campo da escultura e da arquitetura, sua ideia da forma que se alimenta dessas duas expressões artísticas, não é mais do que

⁵ Original em: KAMENSZAIN, Tamara. “Bordado y costura del texto”. *Historias de amor (y otros ensayos sobre poesía)*. Buenos Aires: Paidós, 2000. pp. 207-211. Tradução de Clarisse Lyra. https://dtlcl.fflch.usp.br/sites/dtlcl.fflch.usp.br/files/Kamenszain_Bordado%20e%20costura%20do%20texto.pdf. Acessado dia 12 de julho de 2023.

a afirmação do ideal de beleza do tratadismo da Renascença, traduzido nas suas fórmulas de *venustas, utilitas e firmitas*. Não sabemos até que ponto nosso colega, o Professor Silvio Rosa, especialista em Hegel, concordará conosco, mas do que se trata aqui é de assistirmos a proposta hegeliana secreta do nascimento do alfaiate, isto é, aquele que recupera a simplicidade das formas e, não por acaso, o primeiro grande alfaiate ganhou o apelido do arquiteto da moda: Christian Dior. É justamente com o depoimento de Juliana Barbosa, que podemos ler uma história outra narrada, não somente nos contraturnos – em seus termos, mas também na contramão do gênero do ofício – de seu ingresso no mundo da alfaiaatária, para nos manifestar essa ideia da simplicidade da forma alojada no princípio de confecção atrelado “à ‘domesticação’ da mão do iniciante, a fim de torná-la apta a lidar com a agulha”. Trata-se, portanto, de uma grande lição sobre o tato e, de seu órgão fundamental, a mão. O que nos reporta novamente à ideia do arquiteto, neste caso, à obra pictórica de Le Corbusier do ano de 1945, que assume um protagonismo central na sua obra plástica, porque se torna metáfora do artista-criador e de sua complexa e dialética relação com o mundo. Sua formalização final no famoso símbolo da *Mão aberta* ilustra a ideia da criação como duplo movimento de captar e de expandir, com um valor epistemológico que recupera, para Le Corbusier, a verdadeira etimologia do verbo *capio*, que é, na verdade, pegar, tomar, mas também receber e captar no sentido de compreender: a mão, pois, entendida não apenas como cega execução dependente da mente, mas como verdadeiro órgão ativo do conhecer e do criar, o que nos permite pensar na mão do alfaiate, do costureiro, do tintureiro, da bordadeira.

André Leon Talley, “o faraó da fabulosidade”, como foi apelidado pelos seus colegas de redação da *Vogue* norte-americana, intitulou suas memórias como *As trincheiras do chiffon*⁶, não só o título nos parece transbordar sua própria história de vida dedicada à moda e às artes, pois, Leon recebeu o grau de mestre em Literatura Francesa na Universidade de Brown, onde defendeu uma dissertação sobre Baudelaire. No entanto, além de sua seiva poética, esse título nos exige entrançar o chiffon com o embate proposto por Nikolas Pappas, no seu ensaio sobre as interfaces entre moda e pensamento. *As trincheiras do chiffon* nos remete, pois, a esse pensamento e a essa vida do refinamento que não perdem a batalha contra o tempo. Assim como Gilda de Mello e Souza (carinhosamente chamada de Dona Gilda) que, não só seu livro *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*, não saiu de moda, mas também não, seu pensamento. A obra de nossos grandes mestres nunca morre com eles porque ela se mantém viva nos seus discípulos, neste caso, nas suas discípulas, que ficam como testemunhas generosas de uma vida do pensamento que pode ser contada com vitalismo. Eis o nosso compromisso como alunos/as, de receber esse legado e mantê-lo vivo por meio da transmissão. Nessa transmissão, encontramos, pois, o belíssimo depoimento de Otilia Beatriz Fiori Arantes, em que recapitula sobre as grandes lições que recebeu de Dona Gilda. Nessas lições de Dona Gilda escutamos, por meio de Olgária Chain Féres Matos, a importância da arte industrial das Fechaduras Yale e os primeiros

⁶TALLEY, André Leon. *The chiffon trenches: a memoir*. New York: Ballantine, 2020.

relógios de bolso, até o farfalhar do tafetá de um vermelho. Nestes depoimentos escutamos ainda hoje essa voz que, segundo Olgária, “fala diretamente a todos os nossos sentidos, porque a vida do espírito desconhece a morte”.

Talvez, como em Baudelaire, Wilde, Leopardi, Simmel e Benjamin, seja no entrecruzamento entre vida e morte em que residam as potências da moda, em seu caráter cíclico de busca constante pelo novo que não necessariamente significa novidade. Contudo, em suas realizações e desrealizações, ao longo dos séculos até nossa atualidade, essas moiras se expandem para além da compreensão da moda como vestuário, o que acaba desdobrando os campos de reflexão que concernem à noção de moda, ganhando seu estatuto de lugar de produção de arte e de pensamento. De maneira que, instigados pelos intrincados pespontos do fenômeno e, gratos à comissão editorial da revista por ter acolhido nossa proposta, apresentamos neste Editorial, vestidos de Tom Ford (Lilian) e de Alexander McQueen (Tarcisio), na primeira fila do desfile, este Dossiê de “Moda e Pensamento: Interfaces”⁷ para a *Limiar: Revista de Filosofia EFLCH-UNIFESP*.

Vistam-se de boas leituras!

⁷ Título esse que inspirou o Professor Nickolas Pappas ao atribuir título homônimo ao seu artigo para esse Dossiê.